ANNO I — S. João d'El-Rei, 17 de Janeiro de 1886 — N. 18

O DOMINGO

PARA A CIDADE
Anno........ 4$000
Semestre..... 3$000

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

PARA FÓRA
Anno........ 6$000

Escriptorio da redacção—Praça das Mercês, n. 7

Summario

Actualidades, *Jorge Rodrigues*; Collaboração; Onde o ouro fala... *B*; Na Bohemia, soneto, *Raymundo Corrêa*; Primeiros espinhos, *J. R.*; Segredo, poesia, *Jorge Rodrigues*; Uma hora de angustia; A mais bella das virtudes, *Junius*; Theatro; Lambrequins; Morte ao tempo; Annuncios.

O Domingo

17 de Janeiro de 1886.

Actualidades

ELEIÇÕES! O que querem? Posso lá falar noutra cousa? Nas ruas, nas esquinas, nos bilhares, nas lojas, nas boticas, nas typographias, por toda a parte: — eleições! eleições! Não se trata de outra cousa, não se discute outra cousa. De vez em quando, algum escandalosinho, algum acontecimento imprevisto, desvia um pouco as attenções; mas, é um momento; voltam todos logo para os votos, para as apurações, para a questão das cabalas... Afinal, isto torna-se contagioso. Pelos ares, esvoaçando, só se ouvem essas palavras: derrota... candidatos... votos... etc. O que heide fazer?

Antes de correr toda a loteria... ó, senhores, perdão! Antes de correr todo o escrutinio já uns tantos cabos mais ardentes e dedicados gostam de annunciar os resultados finaes... hypotheticos.

Sancho, tantos votos; Martinho, tantos votos. Sae eleito o Sancho. Não! O deputado hade ser o Martinho! No fim da festa não é raro ver-se cada nariz de 25 centimetros de accrescimo...

Ha eleitores, muitos delles, aliás, desinteressados, que só por paixão partidaria, nas vesperas do pleito, não vão á casa senão á noite; e andam por ahi a discutir, a provar mathematicamente a victoria do seu candidato, brigando, gesticulando, enthusiasmados, rubros como uns rabanetes, a annullar collegios, a relatar espertezas dos adversarios, a contar nobres façanhas do seu partido... o grrande diabo!

No meio de toda essa balburdia, de toda essa effervescencia, de todo esse *fervet opus*, quem faz uma figura muito rata é uma porção do eleitorado «independente»; a maior porção, accrescente-se com franqueza.

Desculpem-me os srs. votantes; (eu queria dizer eleitores, mas, estou muito convencido disso, para que o não diga desembaraçadamente. O «independente» eleitorado faz uma figura muito rata, porque dá o seu voto ao candidato imposto pelo partido.

Repito que não falo em geral. Existe uma pequena fracção de reaccionarios, que se não deixam levar assim; estes, pouco conseguem, mas se distinguem. A mór parte, porem, não tem direito de escolher um representante que lhe agrade; venha um homem prestimoso e honesto, ou venha um pandego cheio de ousadia e de vicios, a questão é trazer a recommendação dos chefes e mais aquella chapa de disciplina partidaria a que tanto se apegam... e elles estão votando.

Ora, se a gente philosophar sobre o caso não pode deixar de votar contra essas imposições de votos...

Eu não tenho nada com isto, não sou eleitor, abomino o movimento politico effectuado sob o nosso regimen governamental; falo como apreciador, como espectador; porque, afinal, eu tambem pago alguma cousa para assistir a estas comedias e estou no meu direito de gargalhar as vezes que entender e fazer as observações que me for suggerindo o papel de cada um dos principaes actores. Não me levem pois a mal o que aqui vai dito.

— O deputado é o representante do grupo popular mais adiantado de um districto. Ora, todo o mundo que se preza deseja ser representado em qualquer parte por uma pessôa digna, que honre o mandato que se lhe confiou; a gente que se julga honesta hade, naturalmente, querer mandar em seu lugar uma pessoa que tambem o seja. Isto é obvio, é claro como a luz do sol. Porém, não, senhores. Está ahi a disciplina partidaria, a sra. disciciplina, para mandar uma carta dos chefes, determinando o nome d'aquelle sobre quem deve recahir a votação: o sr. Beltrano. O sr. Beltrano é um pessimo cidadão, é um egoista, um cousa ruim, o eleitorado sabe disso; sabe e dil-o, e repete-o indignado, e enraivecido protesta. Mas, no dia designado, lá vai elle impando de alegria, votar no supradito Beltrano, dizendo ufano e radiante—que é para o partido triumphar! E não se lembra que o partido triumpha emquanto a propria dignidade soffre uma completa derrota.

A politica brasileira, pouco mais ou menos,—é isto. Não é o codigo da Moral que lhe serve de principal bussola.

Lancemos os olhos para a côrte; não vemos lá um moço vereador, não de hoje, mas, de ha muito tristemente celebre, ultimamente até envolvido numa questão de altas tratantadas na camara municipal, — aspirando petulantemente a uma cadeira no Parlamento?! Os eleitores do districto por onde elle se apresenta, talvez intimamente repudiem tal pretenção... Entretanto, um chefe proeminente como o sr. conselheiro senador F. Octaviano, recommenda tal candidato e, por certo, repetindo a historia da disciplina e victoria do partido... Mas, com seiscentas mil bombas! Pode lá haver disciplina que faça eleger um homem desconceituado? O que pode valer a victoria de um partido alcançada a custa da eleição de individualidades que vão macular algum pedaço por ventura ainda impolluto da sua bandeira?

Revolte-se o eleitorado, quando lhe quizerem obrigar a eleger um representante que o irá prejudicar no conceito dos seus concidadãos; revolte-se, se quizer merecer esse

qualificativo de *independente*, que lhe dão nas circulares quasi que por troça, por uma fina ironia maliciosa. Apresente um candidato seu, verdadeiramente seu, escolhido pelas suas nobres qualidades, pela sinceridade provada de suas convicções, pela rectidão de seu caracter, e não por indicações de chefes, ou de figurões... Emquanto os eleitores brazileiros acompanharem—como os votantes de outr'ora—o batalhão dos graúdos, os nossos deputados, pela maior parte, não serão genuinos representantes da vontade nacional.

Poucos são os eleitores que comprehendem os seus elevados deveres e honram os diplomas que lhes são conferidos. Pelo novo regimen eleitoral não deviam ser qualificados uns tantos typos quasi analphabetos, que por terem um pedacinho de terra não se segue que hão de ter um pouco de bom senso e talento; e, no emtanto, vêem-se destes por ahi aos magotes; emquanto que homens esclarecidos, com renda sufficiente, que saberiam aproveitar criteriosamente o seu voto,—por uma formalidade banal que a lei exige, ou por uma erronea interpretação proposital do juiz competente, não são alistados!...

Ha pouco ainda me contaram pessoas fidedignas, numa cidade visinha, muita pilheria bôa de alguns eleitores d'aquelle municipio. Entre estes conheci eu um, que ia pela manhã, de pés descalços, vender-me o leite, que trazia em garrafas dentro de um sacco pendurado ás costas. Ao lembrar-lhe o candidato o dia da eleição, elle pergunta logo:

— O' meu amigo, e quanto dá o sr. pelo meu voto?

— Ora, seu Fulano, não sei se...

— 20$000, serve?

— Dez. Os tempos andam que é uma desgraça...

— E' pouco. 20$000! E ainda é barato.

E fecha o *negocio* com a mesma calma com que vende as suas garrafas de leite. Com a eleição directa encontrarem-se eleitores deste quilate é para vexar os filhos deste paiz, que não se hade elevar emquanto não se desconjuntar de todo a engrenagem funesta, que prejudica e atraza todo o trabalho do nosso mechanismo politico e social, não promovendo meios necessarios ao adiantamento intellectual do povo.

— A esta hora, estão os candidatos mais votados jubilosos, satisfeitos, promettendo recompensas aos que mais os ajudaram, testemunhando gratidão a todos, muito risonhos, formando planos de futuro, sonhando com uns projectos gigantescos e com uns discursos brilhantes e succulentos.

Os derrotados,—cabisbaixos, taciturnos, falam em descrença, maldizem da politica, recordam feias traições de amigos, e promettem deixar a luta e metter-se em casa com sua mulher e seus filhos...

Os eleitores governistas azafamados, esperançosos, sonham com as recompensas de seus esforços, pensam nas retribuições, anciosos aguardam o porvir... Coitados! Amanhã estão todos a se queixar desilludidos, a dizer que o esquecimento foi a paga dos seus labores e a ingratidão a resposta ás suas esperanças...

E os espectadores indifferentes, como eu, passam por tudo isso a rir... a rir... a rir!

JORGE RODRIGUES.

Collaboração

PUBLICAMOS hoje um interessante soneto, que nos enviou o nosso laureado collaborador e amigo Raymundo Corrêa. O trabalho não é feito agora, mas nem por isso perde a sua importancia e nem por isso será menor o prazer dos leitores em apreciar mais uma bella producção do applaudido poeta das *Symphonias*.

Onde o oiro fala...

MUITO se tem escripto relativamente ao magico poder, ao irresistivel dominio que exerce o dinheiro sobre os individuos de todas as classes sociaes; e não raro é ser elle o assumpto de prosa predilecto de diversas *rodas* que, se compondo de homens que o não possuem, vivem porisso a amaldiçoal-o e a cobril-o de injurias, attribuindo-lhe toda a especie de torpezas, como si não fora elle um instrumento apenas nas mãos dos que o põem a serviço de seus ignobeis sentimentos e vergonhosas paixões.

Rei do mundo na opinião de muitos e despresivel metal no conceito de outros, é elle louvado e invectivado ao mesmo tempo, coberto de enthusiasticos elogios e sobrecarregado de improperios, tornando-se assim manifesto que um mesmo objecto pode ser considerado de diversos modos, conforme a disposição de espirito daquelles que o observam.

Qualquer, porém, de seus implacaveis inimigos, dos que mais se distinguem em persegui-lo com as manifestações de um odio inveterado, deixará de o considerar tão severamente, desde que lhe sorria a esperança de se tornar possuidor de algumas dezenas de contos, esquecendo-se por alguns momentos de que «o dinheiro mancha as mãos que o tocam, corrompe as consciencias» e outros maleficios que lhe são constantemente attribuidos.

Os mesmos que contra elle se declaram hoje, buscando corroborar os argumentos apresentados com a narração de factos horrorosos cuja origem affirmam ser o dinheiro, mostrar-se-ão amanhã menos adversos a elle, procurando com interesse ver si o seu *numero* se acha incluido na lista dos premios de qualquer d'essas loterias cujos annuncios atulham actualmente a quarta pagina de quasi todos os jornaes da Côrte.

Por verem-no assim captivando corações, tornando favoraveis a si espiritos que sempre se lhe manifestaram hostis, transformando em fervorosos adoradores os seus mais exaltados adversarios, é que outrora escreveram sabios observadores a sentença—*onde o oiro fala tudo cala*—que o vulgo repete para explicar o procedimento dos individuos que se deixam vencer pelo dinheiro, com prejuizo muitas vezes da pureza de seu caracter.

B.

Na Bohemia

(A ADELINO FONTOURA)

Original bohemio! Em tua casa
Pelo cantar de um gallo és acordado,
Pois um relogio tens que nem se atraza,
Nem se adianta, porque está quebrado;

Ao teu vetusto leito até consagra
Certo respeito; e tens um Rocinante,
Magro e veloz, mas tão veloz e magro
Que uma tisica lembra, galopante...

Toda essa extravagancia n'isto anda;
—Se tens dois pés e tem dois pés teu gallo
Elle é bipede e bipede tu és;

Mas, alem d'isso, em tua casa ainda
Dois quadrupedes ha:—o teu cavallo
E a cama, que tambem tem quatro pés.

1881.

RAYMUNDO CORRÊA.

Primeiros espinhos

O SR. Alfredo Pujol, em folhetim inserto no *Vassourense* de 10 do corrente, mostrou vontade decidida de criticar o lindissimo conto *Primeiros espinhos* do nosso talentoso collaborador dr. Tancredo de Mello, publicado n'*O Domingo* de 29 de Novembro do anno passado. Não posso affirmar se o intelligente folhetinista conseguio realisar plenamente o seu intento. Em todo o caso, como s. s. conclue pedindo-me «que não lhe queira mal, que por me admirar (agradecidissimo!) e por apreciar o nosso jornal» (oh! senhor...) é que se animou a apontar os erros e os defeitos d'aquelle escripto, julgo-me na obrigação de dar-lhe dous dedos de prosa amigavel.

Não precisava s. s. fazer-me aquelle pedido. Nenhuma razão havia para eu lhe querer mal. Sua apreciação se não está justa, nem invencivel, tem o valor immenso de estar escripta com certa delicadeza, sem desaforos, o que hoje é muito.

Demais, o facto de vêr analysado um trabalho litterario do jornal que redijo, deve ser para mim um justo motivo mais de prazer que de resentimento.

Não tendo a honra de vêr o nome do sr. Alfredo Pujol entre os dos nossos assignantes e sabendo agora que elle procura *O Domingo*, tem-no sobre a mesa de trabalho e aprecia-lhe rigorosamente os artigos, heide por força ficar desvanecido. Por isso, venho refutar-lhe a critica tomado das mais sympathicas disposições.

A critica que o sr. Pujol dispensa aos *Primeiros espinhos* é de tal sorte que faz suppor a existencia de qualquer animadversão entre s. s. e o autor do conto. O desejo de «moralisar os jornaes litterarios» assim... tão expontaneamente, não poderia inspirar um escripto onde não se vê a isenção de animo que faz ser justo e nem a exactidão da analyse, que denota um espirito superior e adiantado, que já se julga no caso de moralisar a imprensa litteraria.

Poderei estar enganado, porem me diga o leitor insuspeito se a critica do sr. Pujol não parece feita por quem quer achar erros e defeitos a todo o transe.

Comecemos. Principia o digno folhetinista dizendo que o assumpto do conto é mediocre: — trata-se de uma creança, que vai, pela primeira vez, á eschola. S. s. mostra com isto ou ignorar, ou não admittir o systema adoptado pelos mais applaudidos *conteurs* modernos, qual o de aproveitar um assumpto insignificante e numa linguagem colorida, quente, viva, insinuante, despertar o interesse do leitor — o que não é pequena difficuldade — e mostrar ao mesmo tempo, um espirito de observação criterioso, a verdade na descripção dos factos communs da vida, etc.

— Diz o espirituoso critico que não ha verdade alguma na introducção do conto, e sustenta que uma creança «magrinha, fraca, muito delicada e socegada» não poderia manifestar «uma intelligencia penetrante e nem poderia ter um olhar luminoso — de vivacidade irrequieta.»

Mas, porque não poderia, sr. Pujol?

Pois então a magreza, a debilidade, a delicadeza, são incompativeis com a manifestação de uma intelligencia penetrante e com os olhares luminosos? Não é capaz de me provar isso com vantagem o novel escriptor. Quantas creanças vemos nós por ahi franzinas, delicadas, e intelligentissimas, mostrando o talento pelas vivas radiações de um olhar irrequieto!

A maior parte desses pequenos de organismo debil, enfermiços, de apparencia tristonha, que eu tenho conhecido, são sempre intelligentes. Em adultos, então, não falemos. Lembro-me logo do Valentim Magalhães, uma compleição fraca, um organismo delicado, que não passa um dia sem provar a força poderosa de seu talento fecundo. Porque não ha de poder um menino, por ser delicado e magro, mostrar um espirito atilado e vivo? Não ha uma lei physiologica que ampare a vaga asserção do sr. Alfredo.

Adeante.

Transcreve o amavel critico do *Vassourense* o seguinte trecho do conto: «...é o retracto em miniatura da mãi, apenas com qualquer cousa de mais serio, de mais triste, apenas um tanto mais afinado» e mais este: — «a physionomia da mãi pinta-se na da creança, transformando-se na de um anjo, que tem alguma cousa de masculo, alguma profundeza mais de idéas e de impressões» acrescentando: — Não esqueça o leitor «que isto é uma comparação entre uma mulher «moça, bonita, elegante, de olhos claros e ingenuos» e seu filho, a tal creança «muito fraca, muito socegada e muito magra»... Mas, onde está aqui o *erro* ou *defeito* que o sr. Pujol quer dar a entender que existe?

Acaso pretenderá negar s. s. que uma creança, por ser fraca, socegada e magra, não possa parecer-se com sua propria mãi, porque esta é moça e elegante? E' impossivel. Mais ainda: — S. s. achou uma tolice Tancredo de Mello dizer que o menino, com os seus seis annos e a sua debilidade, tinha alguma cousa de masculo. Porque um menino é delicado e magro, não póde apresentar uns traços que denotem o seu sexo, alguma cousa de varonil, que o não torne de todo effeminado?

E' um rigorista, o sr. Pujol, um rigorista terrivel, ou então, desaffecto do nosso collaborador, quiz alfinetal-o um pouco, sem reparar que se firmava num terreno escorregadio...

Aquillo de «profundezas de ideias e de impressões» é relativo. O menino estava scismarento e impressionado com a entrada no collegio, o que para elle constituia um acontecimento incomprehensivel, que o assustava e affligia.

Aquelle *arinazenada*, a que o critico se refere, é visivelmente um erro typographico. Entende-se sem difficuldade que deve ser — *armazenada* —, referindo-se a — *força*.

«A boa mãisinha acompanhou-o até lá, muito meiga, um pouco triste, mas consolando-o a cada passo, a cada instante falando-lhe do futuro, da necessidade de ser homem, para mais tarde protegel-a.»

O exigente folhetinista achou que isso era uma outra tolice.

S. s. philosopha de mais...

Perfeitamente se comprehende o que o escriptor quiz dizer, quando escreveu que a mãi falava de futuro e de protecção ao filho.

Numa linguagem meiga e consoladora a boa senhora procurava animar o menino, levando-o para um logar novo para elle.

O futuro! Eram as ferias, a volta á casa materna, os doces que o esperavam, essas mesmas moedinhas de prata de que fala o sr. Pujol...

— Estuda, meu filho, para quando ficares homem, ganhares dinheiro e ires viver perto de tua mãisinha, que estará muito velha e precisará de ti para ajudal-a a andar... E etc. etc. Essas mil banalidades sublimes, que só as mãis sabem dizer com aquella voz branda e suave, que nos vai direito ao coração.

Outra cousa:

«O ar vivo, o passeio, a multidão, etc — *tirára-lhe*...»

Impagavel syntaxe! exclama jubiloso o meu sympathico folhetinista do *Vassourense*.

Impagavel? Porque? Não vejo ahi nenhum erro de grammatica. Grivet, o illustre grammatico A. Grivet, tratando de sujeitos compostos, diz o que segue:

«Andando um sujeito anteposto ao verbo, e avocando pela sua complexidade, uma *fricção irresistivel* de pluralidade, o verbo passa para o plural.

Si, porém, os substantivos formando o sujeito representam idéas que de certo modo se enfeixam em uma abstracção summaria, o verbo, por syllepse, permanece no singular.»

Exemplos: — Toda a nobreza e excellencia do homem *consiste* no livre alvedrio. (*Padre Vieira*.)

O reino e a primeira benção, segundo o uso dos patriarchas, *pertencia* ao primogenito. (*O mesmo*.)

Mais adeante escreve o mesmo Grivet, auxiliando ainda mais o que desejo provar:

«Embora os infinitivos e substantivos, pela differença de indole, não possam geralmente juntar-se para formar um sujeito composto, não é sem exemplo encontral-os assim consorciados.»

Exemplo: — «SOA *muito estrondo dos* pés, *muito cantar* desentoado, *muito alarido* dos concurrentes, *muito ímpeto* dos que giram e emparelham.» (P.e *Manoel Bernardes*.)

Nos sujeitos compostos, desde que todos os membros estejam no singular, pode-se fazer o verbo concordar com todos juntos, indo para o plural, ou com cada um de per si, ficando no singular, como no caso vertente.

Já vê o attencioso sr. Pujol que o criticado sabe grammatica. S. s. é que anda assim um pouco... um pouco exigente, vá! Continuemos.

«Quando chegaram, porém, (diz o conto) um espasmo nervoso, inexprimivel, sacudio lhe todo o organismo delicado e sentiu como um vapor de lagrimas subindo-lhe á cabeça...»

Quem è que sentio o tal vapor? pergunta o sr. Alfredo Pugol. O espasmo nervoso? S. S. encontraria a resposta senão supprimisse o periodo que vem logo depois de — *subindo lhe á cabeça...* « Mas suffocou o choro com medo não desconsolasse a māi.. » Si transcrevesse este pedacinho o illustre folhetinista não faria aquella pergunta. Tratando-se de um menino, protogonista do conto, disendo-se que suffocou o choro com medo nao desconsolasse a mãi... por certo não haveria a menor duvida em encontrar-se o sujeito da oração, que ao sr. Pujol obrigou a fazer duas perguntas inuteis.

Insistindo nos « imperdoaveis erros de grammatica » do nosso collaborador, transcreve mais o sr. Alfredo o seguinte, por ser, talvez, dos maiores:

« Mas, o peior foi na hora do recreio, sobresaltado (o menino) quasi tonto, no meio barulho e das caras novas »

Eu desejaria que S. S. analysasse este periedo e me dissesse onde está o erro imperdoavel...

Concluindo, o sr. Pujol cenrura essas phrases uzadas por Tancredo de Mello: — *palrar cantante*, que exprime tão bem a harmonia do falar de uma creança; *manhans sonoras* que em versos de laureados poetas tenho visto, sem que a critica os verbere; *vozes semi-veladas*, expressivo modo de significar tão claro pensamento: *inquietações do não sabido* que vem a ser o mesmo que apprehensões do ignoto, receios do desconhecido etc. e outros termos que a moderna eschola hoje admitte, relevando mesmo alguma exageração, desde que esta venha em auxilio de uma idea, que se deseja completar, sem cahir em repetições sediças...

Muitos outros *erros e defeitos* respigou ainda o distincto folhetinista a que me dirijo. Mas, tão insignificantes me pareceram que não lancei mão delles para testemunhar a intelligencia e a aptidão do nosso illustradissimo collaborador.

O que ahi vai dito prova bastante que a critica do sr. Pujol em nada prejudicará o brilhante talento que honra, de vez em quando, os columnas d'*O Domingo*.

Ao sr. Alfredo Pujol envio as minhas saudações. Estimei conhecel-o como escriptor. Vê-se que tem uma bonita intelligencia e só isto basta para me merecer muito.

Agora para criticar talvez ainda seja muito moço.

A critica requer muita pratica de escrever, muita leitura, larga somma de conhecimentos, espirito observador e esclarecido e outros requisitos importantes, que só se alcançam apoz longos annos de acurado estudo...

J. R.

Segredo

Depois d'aquelle dia em que... Não tremas tanto,
serei discreto, filha; e embora apaixonado,
— aquelle juramento é puro e tão sagrado,
que eu nunca o quebrarei, affirmo-te. Entretanto,

depois d'aquelle dia em que... Não te atormentes,
socega, estamos sós, ninguem nos ouvirá...
— Eu quero relatar-te..., — eu quero ver se sentes
o mesmo que em minh'alma esfervilhando está.

Porque... não sei que mixto é este a perturbar-me
de amor — e bem estar, de paz — e de receios,
de risos festivaes — e vividos anceios,
— depois d'aquelle dia, a ponto de levar-me

ora á febre, á loucura, aos impetos felinos,
ora ao casto idear de flores e de empyrios...
— E eu sonho te elevar ao céo dos meus delirios,
roubando-te ao furor ingrato dos destinos.

Não sei, não sei, ó Mila, o que se passa em mim
depois d'aquelle dia em que... (agora, a medo,
eu vou te repetir, baixinho o alegre enredo
do nosso romancete aquella tarde, sim?)

E' grato recordar instantes de ventura
que esvaem-se depressa e que não voltam mais;
— no recordar feliz eu acho mais doçura
que em vagas expansões de inuteis ideaes.

São estas, afinal, ligeiras phantasias,
que a gente vê, anhela... e morrem de repente,
e aquelle é o verdadeiro, é a alma novamente
gozando as sensações das mesmas alegrias.

Trazias presa ao seio... (a indiscreção é crime?)
aquella rosa branca e tão airosa e bella
de se ostentar alli, no seio teu sublime,
que eu tive... sim, confesso, tive ciumes d'ella!...

Morria ao longe o sol; talvez que nos sorrisse...
a nós... Mas, que temor é esse a te affligir?
Eu falarei de manso.. e quem nos hade ouvir?
Espera, espera, amor, já me não lembra... eu disse..

eu disse... Apenas sei que immensa timidez
se apoderou de mim n'aquella hora, e logo
ardente ajoelhei-me — oppresso o peito e em fogo —
e uma palavra só foi te cahir aos pés...

E tu, depois, pediste e eu te jurei segredo;
mas, hoje, estamos sós... e é tão feliz, querida,
o recordar! O' Mila, á sombra do arvoredo
tu me elevaste á gloria e me encantaste a vida.

Ao brando reflectir da luz crepuscular,
que aos poucos se envolvia em nuvens, no horizonte,
eu te fitava ancioso a seductora fronte,
que o sol, a succumbir, fartava-se a beijar.

E quando se estendeu no espaço a escuridade
de longe succedendo ao lampejar do dia,
e ouvimos se ajuntar, além na immensidade
aos murmurios do ar — o som d'Ave-Maria

— fizeste-me viver, ter crença, — e em teu amor
achei a força, a luz, porvir ... A contemplar-te...
mimosa, eu só queria o coração mostrar-te,
depois d'aquelle dia em que ... — me déste a flôr!

JORGE RODRIGUES.

Uma hora de angustia

I

Eu era um bom operario e um homem de bem; gostava de trabalhar, e os meus braços nervosos e robustos, não podiam permanecer em socego; queriam constantemente mover-se. Além disso tinha mulher e filhos, e, portanto, sagrada obrigação de os sustentar. Mas a boa vontade nem sempre basta aos que querem ganhar a vida; sobrevieram differentes crises industriaes, e nunca me foi possivel tirar, como vulgarmente se diz, so pé do lodo.»

Pelo contrario—os negocios iam de mal a peior, e depois de luctar dois ou tres annos com a miseria que sempre ia crescendo, tomamos a grave deliberação de partir para a Australia, animados pelas cartas de alguns companheiros, que nos precederam.

Alli, para o homem trabalhador, a terra occulta sempre o ouro.

Em torno de minha cabana construida com grande rapidez, o terreno bem arroteado e semeado deu-nos em pouco tempo optimas colheitas de cereaes, de fructos e legumes.

Além das sementes de Sidney tinha muitas outras levadas da mãe patria. Viviamos no deserto, mas o deserto estava florido como um tapete de rosas.

Havia tambem alguns inconvenientes: por exemplo, o receio dos pretos, que praticavam toda a sorte de barbaridades e de roubos, e o lugar, em que habitavamos, ficava isoladissimo, porque nos tinham dado um terreno longe de toda a colonia.

Por outro lado faltava-nos sempre, não o necessario, mas aquelle superfluo do pobre que os habitos e a vida das grandes cidades tornam quasi indispensavel. Todavia, como a saude era excellente, não tinhamos grande difficuldade em habituar-nos áquella existencia primitiva e socegada.

Havia dois annos que viviamos esta vida feliz e descuidosa, quando um dia, estando eu no jardim a trabalhar, ouvi a voz de minha mulher, que me chamava de um modo exquisito e desusado.

Levantei a cabeça e vi-a chegar correndo, com as mãos estendidas, e por tal forma pallida, que larguei a pá com que estava cavocando, para amparal-a nos braços.

Nesse mesmo instante, fechou os olhos, tremeu dos pés á cabeça e desmaiou.

A minha primeira idéa foi que os negros tinham assaltado a casa; eu já via arder a minha pobre choupana, já sentia cravarem-se-me no corpo as lanças. . .

Passada a primeira vertigem, olhei em roda de mim; vi tudo socegado.

O meu filho Jorge estava brincando com umas flores; cantava um passaro, e o cão de guarda dormia á porta.

Era necessario que minha mulher tivesse tido alguma indisposição repentina. Cheio de cuidado, como é facil imaginar, procurava o meio de cural-a, quando de repente contrae-se-lhe o rosto, em um novo tremor, e diz:

— Henrique, oh! a pequena... uma serpente!

II

A estas palavras senti affluir todo o sangue ao coração, passou-me uma nuvem pelos olhos, zuniram-me os ouvidos e nem sei como pude chegar á janella da casa. Minha mulher seguia-me tremendo, e eu olhava para o berço em que dormia a nossa querida filhinha Maria, que apenas contava nove mezes.

Parecia-me que o coração se me transformava num pedaço de gelo, quando vi junto ao berço, enroscada numa massa esverdeada e reluzente, uma serpente monstruosa que cobria parte do corpo de minha filha. Dormiam ambas.

Encostado a uma enxada, de que instinctivamente lancei mão, estava de pé, immovel, fascinado pelo horroroso espectaculo. Via a cabeça da serpente encostada aos louros anneis do cabello da creança, e passou-me pela mente a idéa confusa de que se minha filha acordasse, morria infallivelmente.

Innumeros pensamentos assaltavam-me o espirito; todos egualmente horrorosos ou impraticaveis.

Se eu pudesse chegar ao berço sem acordar a serpente, o que havia de fazer? Não descarregaria sobre ella a enxada com receio de ferir a creança.

Por outro lado, se a pequena acordasse ao mesmo tempo, o que era provavel, corria o perigo de a ver suffocada deante de mim; havia dez probabilidades contra uma de que os vagidos da creança excitariam a colera do monstro, e eu bem sabia a rapidez com que estes reptis se enroscam em torno da victima, e que, se são venenosos, dão-lhe a morte em menos de um segundo.

Calculava todas as eventualidades, sem desviar os olhos do berço, em que continuavam a dormir placidamente a innocencia e o monstro.

Sem fazer o menor movimento, murmurei baixinho ao ouvido de minha mulher a palavra *espingarda*.

Um instante depois ella entregou-me a arma e foi ajoelhar com Jorge a pouca distancia, debaixo de uma arvore. Agradeço a Deus de todo meu coração o ter-lhe poupado a vista do que se ia seguir.

Examinei a carga da espingarda, introduzi-lhe uma bala com a mão tremula, e esperei occasião opportuna de fazer fogo.

E assim passei meia hora, um seculo d'angustia, devorando com a vista ora o medonho reptil, voluptuosamente deitado sobre a colcha, ora o rosto angelico de minha filhinha, ainda mais bello, dormindo o somno da innocencia.

Por vezes a cabeça se me desvairava a ponto de me fazer esquecer do resultado da scena. As mãos tremiam me por tal forma que não podia segurar na espingarda, e um suor frio me cahia da testa em bagas.

De repente, como se obedecessem ao mesmo signal, acordaram o reptil e a creança.

Houve no berço um movimento rapido.

III

Louco, desvairado, achei no terror a força do desespero. Puz a espingarda ao hombro com um sangue frio, que ainda hoje me espanta: o monstro desenrolava-se a meus olhos em todo o seu comprimento, e os anneis escorregando uns sobre outros enchiam todo o espaço occupado pelos pés do berço, a espiral movia-se em caprichosas ondulações; a pelle humida scintillava e produzia mil reflexos brilhantes, á medida que o reptil ia erguendo a cabeça lentamente e approximando-se da cara de minha filha.

Eu via-lhe a trifarpada lingua sahir e entrar como um relampago ou brilhar nos cantos da bocca: via-lhe o brilho fascinador dos olhos, e já se me afigurava escutar os gritos de terror dados pela creança.

Um tremor febril apoderou-se do meu corpo quando o monstro principiou a balouçar vagarosamente a cabeça da esquerda para a direita, o pescoço ia inchando a pouco e pouco, e no fundo da garganta brilhava o dardo semelhante a uma chamma azulada; o animal preparava-se para ferir!

Era occasião de fazer fogo, mas eu não tinha força para isso. Depuz a espingarda, peguei na enxada, porém, a mão cahiu como paralysada ao ver a innocente creancinha estender os braços a sor-

rir para o monstro, cuja cabeça agitando-se reflectia mil cores maravilhosas.

Quando a angustia, que me opprimia se tornou insupportavel, recuperei como por encanto a minha força. Tomei novamente a arma e na occasião, em que o reptil abria as largas fauces para ferir, desfechei.

Toda a gente sabe que as serpentes ferem e não mordem: a maxilla inferior abaixa-se para deixar livre o movimento da outra, em que reside a força e o veneno.

O fumo dissipou-se; vi os anneis torcerem-se e escorregarem rapidamente nas extremidades do berço; a propria cauda desappareceu; em seguida todos os objectos começaram a andar á roda deante de mim, e encostei-me á enxada para não cahir.

IV

A vertigem passou. Entrei precipitadamente depois de tornar a carregar a espingarda; tomei nos braços a creança, que estava sã e salva, e levei-a á mãe.

Naquelle primeiro momento eu estava como um homem, a quem se tira um peso enorme do peito, ou como o naufrago que depois de muita lucta sente debaixo dos pés a areia da praia salvadora.

Comecei a procurar deligentemente o reptil, que devia estar na parte da cabana em que dormiamos. Acabei por descobrir uma abertura entre os tijolos mal unidos, que formavam o ladrilho. Por ahi é que a serpente fugira, e se não houvesse uma communicação inferior para o jardim, devia estar lá forçosamente.

O gato, sentado junto da fenda com os olhos muito scintillantes, tornava esta supposição mais verosimil.

De repente, ouço um pequeno ruido debaixo dos tijolos, disparei a espingarda na tal abertura, e no mesmo instante descubro a pelle do meu inimigo e ouço um grito de mulher.

Dirijo-me para a porta e vejo uma serpente monstruosa debatendo-se sobre a herva, que manchava com o sangue. Era um espectaculo horroroso, a lingua agitava-se ainda ameaçadora, e os anneis immensos rolavam uns sobre os outros com espantosa rapidez. Dir-se-hia que o reptil se preparava para arremessar-se sobre nós; mas debatia-se em vão; aquelles movimentos eram as ultimas convulsões da agonia.

Esmigalhei-lhe a cabeça com a coronha da espingarda.

Quiz tirar-lhe a pelle, que era formosissima; porem não pude dominar o meu horror. Media-a: tinha quatorze pés e tres pollegadas: era da grossura do meu braço.

A minha querida filha tão maravilhosamente protegida pela Providencia, é hoje uma rapariga de vinte annos, bella e forte, e vae casar com o filho de um lavrador meu visinho. Casam para abril. Deus os abençõe como abençoou a nossa estada neste risonho deserto, e se assim fôr, nunca hão de querer trocar a paz e abundancia destas socegadas planicies, pelo ruido, pela miseria e pela solidão de uma grande cidade.

A mais bella das virtudes

TRES sabios da antiga Persia disputavam um dia sobre qual das virtudes tinha entre todas a primazia.

Dizia o mais velho que a primeira das virtudes era a piedade.

O respeito aos deuses, o sentimento religioso era a fonte e a origem de todas as virtudes: deste sentimento dimanava a força para luctar com todas as adversidades e para vencer todos os males: delle brotava a inspiração que nos guiava no caminho do dever. No affecto pela Divindade, e na veneração pelas suas leis residia pois toda a sabedoria.

O segundo sustentava que a mais humana das virtudes era a caridade. O amor do seu semelhante que nos leva a soccorrel-o nas afflições, a consolal-o nas suas magoas, a agasalhal-o sob o nosso tecto, a vestil-o com os nossos vestidos, e que muitas vezes nos obriga a privarnos não só das cousas agradaveis, mas das cousas necessarias; que nos impelle a sacrificar-nos para aliviarmos os outros homens e para fazermos o bem é certamente a mais generosa e a santa das virtudes: e a que mais nos aproxima da perfeição a que o homem deve aspirar.

Coube então a palavra ao mais novo dos tres sabios; homem que tinha percorrido muitos paizes, que exercera o profissão de mercador, e que conhecia o mundo e as vicissitudes da sorte. Este ultimo era de opinião que a mais alta das virtudes era a constancia.

Sem constancia todas as outras virtudes eram imperfeitas, e as mais bellas qualidades eram incompletas. Sem firmeza nos propositos, perseverança nos actos, e presistencia nas regras da vida, não havia facilidade de conseguir um fim util, nem possibilidade de de attingir um fim moral.

Todo o esforço seria contigente, e toda a virtude inefficaz, se não fosse acompanhada de uma vontade constante.

Nesta occasião acercou-se dos tres sabios um viajante ainda moço, que tendo chegado da India, percorria os bazares da cidade. Ouvindo a discussão acalorada, quiz saber o motivo. Depois de ser informado dos tres differentes pareceres, foi convidado a emittir o seu voto sobre aquella grave questão.

Devo comfessar, respondeu elle, com um sorriso fino e gracioso, que nenhuma das tres opiniões me satisfaz cabalmente. Eu penso que a mais bella das virtudes é a bondade.

Ser bom é amar o bem, praticar o bem e desejar e aspirar sempre ao bem.

Amar o bem é adorar a Deus, que é o Supremo Bem.

Praticar o bem é amar não só os homens, mas todos os seres do Universo: é ser compassivo, affavel e clemente.

Desejar sempre o bem, em todas as circunstancias e em todas as situações da vida, é possuir a constancia mais difficil e mais rara que ha no mundo.

Ser bom é ser piedoso, humano e pacifico; e a Bondade é a Suprema Virtude.

Todos se inclinaram em signal de assentimento, e beijaram o moço viajante, que excedia em sabedoria aos tres philosophos da Persia.

Junius

Theatro

Dos poucos espectaculos que tem conseguido dar-nos o *Grupo Dramatico* foi, sem duvida, o de 10 do corrente o melhor e o mais concorrido.

Não houve, positivamente, o que se diz uma *enchente*, porém os espectadores não foram em numero que influisse sobre os artistas, communicando-lhes essa frieza syberiana, peculiar a todo aquelle que se vê obrigado a trabalhar ante uma platéa quasi sem espectadores.

O Sr. Bretas, porém, não se mostrou satisfeito ainda com o numero dos que deviam applaudil-o, e esteve indifferente, affirmando achar-se sob a impressão de sentimentos que de modo algum se percebiam em seu semblante e em seus gestos, o que prejudicou em extremo o desempenho dos papeis que lhe coube interpretar no drama — *O anjo do Lar* — e na interessante zarzuella — *O homem é fraco*.

Dizendo que ama a sua interlocutora, S.S. o faz com pouco enthusiasmo, como si tivesse no peito todo o gelo que ultimamente se tem importado para esta cidade; quando é sabado, pelo que teem escripto sobre o assumpto os mais habeis especialistas, que o amor é um bichinho dos diabos que transforma o coração da gente em formidavel volcão e... não sabemos o que mais.

Deixe-se dessas reservas, *seu* Bretas.

Quando tiver de dizer—amo-te, morro por ti etc — faça-o francamente, sem receio de que o publico o chame á ordem e verá como lhe chovem applausos.

Outra cousa: Quando estiver sob alguma forte preoccupação de espirito, deixe em paz a gola de seu bonito *croisé* para evitar que um dia ella lhe *pregue alguma*

D. Amelia e A. Maia, como sempre, estiveram magnificos.

A jovem Ninica sustentou perfeitamente o difficil e fatigante papel que lhe foi dado desempenhar no drama—*O anjo do lar*,—composição litteraria sem grandes merecimentos, seja dito em bem da verdade.

A comedia—*Delicias do Casamento*—foi muito e justamente applaudida.

Não fosse ella escripta com espirito e desempenhada por dous artistas que conhecem os segredos da Arte. . .

A zarzuella—*O homem é fraco*,—realmente espirituosa e bem ensaiada, foi tambem immensamente applaudida e sel-o-ia muito mais si o Sr. Bretas soubesse alliar á arte de encantar a de cantar.

Mas S. S. não é um Tamagno e o prejuizo é seu e nosso tambem.

Continúe o publico a comparecer ao theatro e temos a esperança de ver succederem-se espectaculos bons como este a que tivemos o prazer de assistir.

Lambrequins

Um doutor que tinha um pequeno derriço pela actriz B. é chamado para fazer-lhe um exame medico:

— Oh! minha senhora, vel-a doente, para ficar eternamente á sua cabeceira, creia que era o que eu mais ambicionava.

—

TEMPERANÇA

Sem mais dares nem tomares,
Lançaste-me o teu desdem,
Mas, lá por me desprezares
Não me desprezo tambem.

Muitos em taes circumstancias,
Para a desgraça esquecer,
Entre outras extravagancias
Dão-se... ao vicio de beber.

Vendo perdida a esperança,
Atiram-se ao paraty;
E eu bebo — que temperança! —
Eu bebo... os ares por ti!

A.

—Sabes que me aconteceu uma muito boa?

—Qual?

—Chegou-me um relogio da Europa.

—E então?

—E admirou-me muito, porque —estava parado...

—

— O'! Chiquinho! ó menino! não vês que estás calçando a meia pelo avesso?

—Não é, mamãi, é que ella está furada do outro lado...

—

Sabe querer, faze o que deves: eis em duas palavras toda a hygiene d'alma.

—

Hippel disse: — A meditação profunda habitua a alma a viver fóra de seu involucro. Ella prepara-a assim para a vida futura.

—

O bello tem direito á nossa investigação e ao nosso amor; o bello é o alimento do bem e da saude.

Morte ao tempo

Tres foram as cartas que recebemos, trazendo-nos as decifrações das *mortices* do numero passado, porém nenhuma d'ellas veio exacta *in totum*.

D. Celina M. (cuja lettra mais se parece com a de um guarda-livros do que com a de uma moça) teria direito ao premio, si não tivesse deixado de decifrar a charada—em *zig-zag*—cujo processo de decifração confessa não conhecer ainda.

No numero 6 desta folha, na secção competente, encontrará S. Exa. a necessaria explicação; e esperamos ser obrigado a lhe enviar brevemente o premio devido a seus esforços.

O Sr. *Decifrador principiante* procedeu de conformidade com o pseudonymo, que adoptou, e só conseguio dizer-nos exactamente as decifrações das *mortissimas*.

Til & K. Lino ouviram fallar a alguem a respeito de charadas, pensa-

ram que tambem tinham geito para a *cousa* e nos enviaram (de sociedade, já se vê) o que ha de mais perfeito no genero, de que é fertilissimo o segundo dos signatarios!

Asneiras de toda a especie, eis o conteúdo da carta de Til & K. Lino, firma social que se propõe, de certo, a fazer monopolio do genero de que acabam de nos enviar varias amostras.

Para matar o tempo não servem os dous, mas a grammatica... essa é que difficilmente lhes resistirá. Os barbaros!

Eis as decifrações:

Logogrypho

Distracção.

CHARADAS

Telegraphicas

Galera.
Vareia.
Coco.

Em quadro

A L D A
L E A L
D A L A
A L A O

Em Zig-Zag

Mor
ta — del
bo — la
do

—

Para hoje as seguintes.

LOGOGRIPHO

Vegetal 11, 2, 3, 10, 6, 11
Vegetal 1, 2, 9. 8, 9. 10, 6
Vegetal 4, 5, 8, 2, 9, 4, 9, 10, 11
Passaro 7, 6, 9. 10, 1
Vegetal.

CHARADAS

TELEGRAPHICAS

Carlinga é peixe
Cama é vaso
Naipe é fruta.

—

Em quadro

Armadura
Aroma
Veste
Herva

—

EM ZIG-ZAG

Veste
Na familia
O ruido.

—

Novissimas

Não serás pronome nem poeta na aula 1, 1, 2.

O substantivo ou animal é veneno 2, 1

Provincia, contracção e provincia 2, 1.

Esforçai-vos decifradores, terriveis *temporicidas*, para levardes d'esta vez o premio que para um de vós reserva o vosso

TONG-KONG-SING

Annuncios